



Intervenção Secretária-geral Isabel Camarinha

Camaradas,

Antes de mais gostaria de saudar todos os presentes e agradecer todo o apoio e disponibilidade da Câmara Municipal de Lisboa, que contribuiu para a realização desta iniciativa.

Agradecemos a presença de Francisco Lopes, em representação do PCP e de Hélio Viegas da Intervenção Democrática, bem como de todos aqueles que aqui estão em representação de outras organizações e que tanto nos honram ao juntar-se a esta iniciativa.

Uma saudação fraterna à presença dos camaradas antigos dirigentes e trabalhadores da CGTP-IN.

Um agradecimento também e de forma muito especial aos artistas, que desde a primeira hora aceitaram participar e dar o seu contributo para esta realização, que meteram mãos à obra e se envolveram no processo criador de arte, afirmando a importância e dignificando a nossa CGTP - Intersindical Nacional. Gostaria ainda de assinalar a doação à CGTP-IN da obra que Luís Rodrigues expõe nesta iniciativa e que muito nos honra e enriquece o nosso património.

A exposição que hoje inauguramos adquire uma dimensão única e insere-se num vasto e diversificado conjunto de iniciativas com que marcamos os 50 anos decorridos desde a fundação da CGTP-IN em 1 de Outubro de 1970, destacando-se as acções nos locais de trabalho junto dos trabalhadores, a exposição que assinala alguns dos principais momentos da vida da CGTP-IN que esteve patente no Largo Camões e agora percorre todo o país, a realização de debates temáticos, com o próximo a ter lugar no dia 8 de Julho no Porto, entre outras iniciativas.

A exposição conta com obras de pintura, escultura, fotografia e outras formas de expressão artística, que dão uma dimensão maior daquela que é a intervenção da CGTP-IN, dos objectivos pelos quais nos batemos, da transformação política, económica, social e cultural que ambicionamos para Portugal.

Desde há muito que consideramos a cultura como um elemento central na luta dos trabalhadores. A conquista de direitos económicos, de melhores salários, de estabilidade profissional, de condições dignas de trabalho, é indissociável da luta pelo direito à educação, à saúde, à protecção social, à habitação e à cultura.

Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses

Entre as muitas questões que se interligam nesta batalha, o aumento geral dos salários, a garantia do emprego com direitos e a questão do tempo de trabalho assumem um papel incontornável. A luta pela redução do tempo para o trabalho, para aumentar o tempo disponível para a família, para o descanso e o lazer, é determinante para garantir o tempo necessário para exercer o direito à criação e fruição culturais.-

Numa fase em que as medidas insuficientes e desequilibradas do Governo não asseguram a resposta necessária, em que o grande capital, apoiado pelo PSD, CDS, IL e Chega, tenta aproveitar a pandemia para agravar a exploração dos trabalhadores, em que se tentam impor ainda maiores desregulações do tempo de trabalho, a CGTP-IN desenvolve a sua acção, não só para combater novas formas que dão corpo a velhos objectivos de alargar ao máximo os horários dos trabalhadores, mas também na exigência da redução para as 35 horas de trabalho para todos e em todos os sectores, sem perda de vencimento.

Libertar tempo para que os trabalhadores tenham condições de alargar a sua vivência para além do ciclo rotineiro trabalho-casa, casa-trabalho, é um elemento central para garantir a participação cívica e a intervenção nos demais domínios que o desenvolvimento das forças produtivas possibilita e os assalariados têm direito.

É sintomático que, numa altura de grandes e exponenciais avanços da ciência e da tecnologia, de novas formas de produzir em que se cria cada vez mais valor em cada vez menos tempo, os trabalhadores continuem sujeitos a ritmos e tempos de trabalho do século passado.

Não aceitamos! Como também não aceitamos como inevitável que se perpetuem os efeitos desastrosos provocados em parte pela pandemia e por tudo o que esta veio revelar e pôr a nu, resultado das políticas de sucessivos governos PS, PSD, CDS.

A precariedade causada por décadas de alterações à legislação que a fomenta e normaliza deixa milhares de trabalhadores no desemprego e sem qualquer protecção social; os baixos salários que empurram milhares de trabalhadores para a pobreza, resultam da aposta num modelo assente na produção desqualificada como meio para acentuar a exploração; a dependência face ao exterior em domínios fundamentais à nossa soberania, seja na saúde e na produção de vacinas, seja nos bens essenciais que deixámos de produzir para passar a importar, ou ainda a situação dos sectores mais fragilizados para os quais os apoios do governo se revelam insuficientes e desequilibrados beneficiando o grande capital.

Não aceitamos! É neste quadro que se insere a luta pelos direitos, pela valorização do trabalho e de todos os trabalhadores.



A elevação das condições laborais e de vida diz respeito ao conjunto dos trabalhadores, sejam eles da indústria, da agricultura, da pesca, dos serviços, da saúde, da educação, das autarquias e tantos outros serviços públicos ou da cultura. É uma luta de todos, em que só a unidade, a organização e a mobilização permitirão alcançar estes objectivos.

Esta iniciativa coincide com a realização da Jornada de Acção e Luta em todos os sectores e em todo o país da CGTP-IN, que se iniciou em 21 de Junho e decorre até 15 de Julho, jornada de luta pelo aumento geral dos salários, pelo emprego com direitos, pela revogação das normas gravosas da legislação laboral, e não podemos deixar de hoje saudar todos os trabalhadores em luta e sublinhar a importância da luta de sempre dos trabalhadores da cultura.

Sem a efectivação do direito ao trabalho em todas as suas multifacetadas dimensões é impossível assegurar uma formação integral do individuo. Mas não basta que estejam garantidos estes direitos para que se efective o acesso à criação e fruição culturais, parte integrante da cultura integral do individuo tão bem desenvolvida por Bento de Jesus Caraça.

Para isso, é essencial garantir um Serviço Público de Cultura, com uma dotação de pelo menos 1% do Orçamento do Estado, que liberte o trabalho nesta área das amarras impostas pelo mercado, pelo lucro imediato que esta ou aquela iniciativa possa produzir, pelo nível de mercantilização que o denominado “produto” cultural tem.

Uma aposta da política pública que garanta aos trabalhadores, sejam eles artistas plásticos, escultores, músicos, actores, técnicos e de tantas outras profissões, a possibilidade de criar sem que estejam dependentes do que as chamadas “indústrias culturais” determinam a cada momento, sem estarem sujeitos à precariedade no trabalho que se se transforma em precariedade na vida, ainda que agora esta seja balizada por um enquadramento jurídico que continua a reservar a instabilidade como forma generalizada da prestação de trabalho no sector cultural.

Sim, é preciso combinar estas duas dimensões – direitos laborais e uma política pública que garanta a criação e fruição culturais. Mas estas dimensões são convergentes, fazem parte da exigência e do projecto do movimento operário e de todos os trabalhadores.

É um novo modelo de desenvolvimento para o país aquele que propomos e pelo qual lutamos, em que os direitos não só não são um entrave, como são a base do próprio crescimento económico, da afirmação da soberania e do combate às desigualdades.

Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses



Um modelo de desenvolvimento que exige a participação de todos e que conta com a acção empenhada desta Central Sindical de classe, a CGTP-IN, que assume os seus compromissos de sempre com os trabalhadores, com a defesa dos seus direitos, no quadro mais amplo dos interesses e anseios do nosso povo e do país, herdeira e continuadora da organização e da luta heróica de gerações de trabalhadores, forjada nas difíceis condições impostas pelo fascismo, que ajudou a derrotar no 25 de Abril de 1974, decisiva nas conquistas da Revolução, moldada pela confiança, esperança e valores de Abril.

Uma acção que parte de um legado de que nos orgulhamos e se projecta para o futuro.

A celebração dos 50 anos não seria completa sem a dimensão que agora damos a conhecer ao público nesta Exposição, sem juntar a luta e a arte, que tantas vezes se fundem.

Deixem-me antes de terminar, agradecer àqueles que foram os dinamizadores deste evento, nomeadamente o camarada João Torres e os amigos Acácio de Carvalho, Isabel Cabral, Jorge Sarabando, José Santa Bárbara, Manuel Augusto Araújo, Rodrigo Cabral e ainda Francisco Palma, o Curador desta exposição, e a todos os trabalhadores sindicais, que deram um contributo inestimável e sem o qual seria bem mais difícil uma aventura desta dimensão.

A eles, aos autores das obras que expomos e a todos vós, o nosso obrigado!

VIVA A CGTP-IN!

Lisboa, 03 de Julho de 2021

Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses